



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

RAFAEL NASCIMENTO GOMES

**MODERNIDADES COMPARADAS EM JUAN CARLOS ONETTI
(1909-1994) E JORGE AMADO (1912-2001): VIDAS BREVES E O
LADO TRÁGICO DA VIDA**

BRASÍLIA,
DEZEMBRO DE 2025.

RAFAEL NASCIMENTO GOMES

**MODERNIDADES COMPARADAS EM JUAN CARLOS ONETTI
(1909-1994) E JORGE AMADO (1912-2001): VIDAS BREVES E O
LADO TRÁGICO DA VIDA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado na
Universidade de Brasília para a obtenção do grau de
licenciado e bacharel em Letras Português.

Orientação: Prof. Dr.: Augusto Rodrigues da Silva
Júnior

BRASÍLIA,
DEZEMBRO DE 2025.

Eu dedico esse trabalho aos meus amigos uruguaios, que sempre me receberam bem em seu grande país e me apresentaram o brilhante Onetti.

Aos amigos do Clube do Livro Jorge Amado, pelas leituras, risadas e amizade.

Com todo amor, para minha filha, Sofia Beatriz, e para minha amada Sabrina Nascimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Universidade de Brasília, instituição pública que me acolheu, formou e ampliou meus horizontes intelectuais. A UnB, com sua diversidade acadêmica, compromisso social e espírito crítico, ofereceu-me as condições necessárias para desenvolver este trabalho e para me constituir como pesquisador e cidadão. Sou igualmente grato ao Instituto de Letras, espaço vivo de reflexão, estudo e diálogo, onde pude aprofundar meus conhecimentos e fortalecer minha trajetória acadêmica.

Expresso meu profundo reconhecimento ao meu orientador, o Professor Doutor Augusto Rodrigues da Silva Júnior, cuja generosidade intelectual, rigor metodológico e dedicação constante foram fundamentais para a construção deste trabalho. Agradeço pelas leituras atentas, pelas críticas sempre construtivas e pelas sugestões que, ao longo dos últimos anos, ampliaram meu olhar e fortaleceram minha formação. Este trabalho só alcançou maturidade graças à sua orientação comprometida e inspiradora.

Agradeço também à minha família, base sólida que sustentou minha caminhada acadêmica com amor, respeito e incentivo. Cada gesto de apoio, cada palavra de confiança e cada demonstração de carinho foram essenciais para que eu pudesse perseverar nos momentos mais desafiadores. Sem a presença constante e afetuosa da minha família, esta etapa não teria sido possível.

Por fim, deixo meu agradecimento mais especial à minha filhota Sofia Beatriz, cuja existência ilumina meus dias e me lembra, diariamente, da beleza de seguir em frente com coragem e esperança. E à minha companheira de todos os momentos, Sabrina Nascimento, que esteve ao meu lado com amor, paciência e força. Sabrina compartilhou cada instante desta jornada, oferecendo-me serenidade nos dias difíceis e celebrando comigo cada pequena conquista. A vocês duas, dedico não apenas este trabalho, mas também o sentido mais profundo da minha caminhada.

“A literatura é mentir bem a verdade.”
Juan Carlos Onetti

*“Eu continuo firmemente pensando em modificar o mundo e acho que a literatura tem
uma grande importância.”*
Jorge Amado

SUMÁRIO

	PÁGINA
RESUMO	7
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I- ONETTI, SEU TEMPO E SEU URUGUAI	13
CAPÍTULO II- AMADO, SEU TEMPO E SEU BRASIL	22
CAPÍTULO III- ONETTI, AMADO E SEUS LEGADOS: UM DIÁLOGO	29
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

RESUMO

O presente trabalho propõe um diálogo comparativo entre Juan Carlos Onetti e Jorge Amado, dois escritores centrais da literatura latino-americana do século XX, cujas obras, embora distintas em estilo e atmosfera, revelam preocupações comuns sobre sociedade, marginalidade e condição humana. O Brasil de Jorge Amado é marcado por desigualdade estrutural, vitalidade cultural e conflitos políticos que moldam personagens populares, vibrantes e profundamente ligados à Bahia; sua literatura celebra o povo, denuncia injustiças e aposta na criatividade e na resistência dos marginalizados. Já o Uruguai de Onetti apresenta outro cenário: um país em crise, atravessado por desencanto, autoritarismo e deterioração urbana, onde a ficção se constrói em ambientes sombrios, como a cidade imaginária Santa María, povoada por personagens solitários, fracassados e melancólicos. Apesar das diferenças — Amado iluminado pelo calor humano e Onetti pela sombra existencial — ambos enxergam a América Latina como espaço de tensões, sonhos interrompidos e profunda complexidade moral. Sua literatura funciona como crítica e testemunho: Amado destaca a força coletiva e cultural do povo, enquanto Onetti expõe o vazio, a desilusão e o fracasso das utopias. O diálogo possível entre os dois autores está justamente nessa convergência ética: a denúncia da desigualdade, a atenção aos marginalizados e a construção de mundos literários que refletem, cada um à sua maneira, as contradições do continente. Assim, suas obras revelam dois modos complementares de compreender a experiência latino-americana.

Palavras-chave : Juan Carlos Onetti, Jorge Amado, Literatura Latino-americana, Literatura Comparada.

RESUMEN

El presente trabajo propone un diálogo comparativo entre Juan Carlos Onetti y Jorge Amado, dos escritores centrales de la literatura latinoamericana del siglo XX, cuyas obras, aunque distintas en estilo y atmósfera, revelan preocupaciones comunes sobre la sociedad, la marginalidad y la condición humana. El Brasil de Jorge Amado está marcado por la desigualdad estructural, la vitalidad cultural y los conflictos políticos que moldean personajes populares, vibrantes y profundamente vinculados a Bahía; su literatura celebra al pueblo, denuncia las injusticias y apuesta por la creatividad y la resistencia de los marginados. El Uruguay de Onetti, en cambio, presenta otro escenario: un país en crisis, atravesado por el desencanto, el autoritarismo y la deterioración urbana, donde la ficción se construye en ambientes sombríos, como la ciudad imaginaria de Santa María, poblada por personajes solitarios, fracasados y melancólicos. A pesar de las diferencias —Amado iluminado por el calor humano y Onetti por la sombra existencial— ambos perciben América Latina como un espacio de tensiones, sueños interrumpidos y profunda complejidad moral. Su literatura funciona como crítica y testimonio: Amado destaca la fuerza colectiva y cultural del pueblo, mientras Onetti expone el vacío, la desilusión y el fracaso de las utopías. El diálogo posible entre los dos autores está precisamente en esta convergencia ética: la denuncia de la desigualdad, la atención a los marginados y la construcción de mundos literarios que reflejan, cada uno a su manera, las contradicciones del continente. Así, sus obras revelan dos modos complementarios de comprender la experiencia latinoamericana.

Palabras clave: Juan Carlos Onetti, Jorge Amado, Literatura Latinoamericana, Literatura comparada.

ABSTRACT

This study proposes a comparative dialogue between Juan Carlos Onetti and Jorge Amado, two central writers of twentieth-century Latin American literature whose works, though distinct in style and atmosphere, reveal shared concerns regarding society, marginality, and the human condition. Jorge Amado's Brazil is marked by structural inequality, cultural vitality, and political conflict, which shape popular, vibrant characters deeply connected to Bahia; his literature celebrates the people, denounces injustice, and places faith in the creativity and resilience of the marginalized. Onetti's Uruguay, however, presents a different scenario: a country in crisis, permeated by disillusionment, authoritarianism, and urban decay, where fiction unfolds in shadowy environments such as the imaginary city of Santa María, inhabited by solitary, defeated, and melancholic characters. Despite these differences—Amado illuminated by human warmth and Onetti by existential shadow—both view Latin America as a space of tensions, interrupted dreams, and profound moral complexity. Their literature serves as critique and testimony: Amado highlights the collective and cultural strength of the people, while Onetti exposes emptiness, disillusionment, and the failure of utopias. The possible dialogue between the two authors lies precisely in this ethical convergence: the denunciation of inequality, attention to the marginalized, and the construction of literary worlds that reflect, each in their own way, the contradictions of the continent. Thus, their works reveal two complementary modes of understanding the Latin American experience.

Keywords: Juan Carlos Onetti, Jorge Amado, Latin American Literature, Comparative Literature.

INTRODUÇÃO

Pensar Juan Carlos Onetti e Jorge Amado em um mesmo trabalho implica deslocar o olhar para além das fronteiras nacionais e reconhecer que a literatura latino-americana do século XX se constituiu, em grande medida, como um campo de respostas diversas a problemas históricos comuns: modernização desigual, crises de Estado, ditaduras, desigualdade estrutural, racismo, frustração de utopias e reinvenção de formas de resistência cultural. Se, de um lado, Onetti constrói uma poética do desencanto, atravessada pela falência das instituições e pela ruína subjetiva de seus personagens, de outro, Amado elabora uma escrita que articula crítica social, cultura popular e imaginação política, produzindo um “realismo encantado” enraizado na experiência brasileira e, ao mesmo tempo, voltado para a América Latina como horizonte continental. A presente pesquisa nasce justamente do desejo de aproximar esses dois projetos literários – tão diferentes em sua superfície estética – para mostrar como ambos ajudam a compreender a modernidade periférica latino-americana, em particular a partir das experiências uruguaia e brasileira.

Nesse sentido, este trabalho parte de uma hipótese central: Onetti e Amado, ainda que não tenham estabelecido um diálogo direto sistemático, constroem, em suas obras, dois modos complementares de narrar a modernidade dependente da América Latina. Onetti, ao ficcionalizar um Uruguai em crise através da cidade imaginária de Santa María, traduz em chave existencial a frustração de um país que fora, por décadas, modelo de estabilidade e bem-estar social, mas que, a partir da segunda metade do século XX, mergulha em estagnação, polarização política e ditadura cívico-militar. Amado, por sua vez, ao transformar a Bahia em alegoria do Brasil e da própria América Latina, coloca no centro da narrativa os sujeitos historicamente marginalizados – trabalhadores rurais, operários, negros, mulheres, prostitutas, crianças de rua – e, ao mesmo tempo, reinscreve a experiência afro-diaspórica e popular como fundamento de uma identidade nacional e continental. A leitura conjunta desses dois autores permite visualizar, portanto, tanto a dimensão estrutural de nossas crises quanto a pluralidade de formas com que a literatura as representou.

A pesquisa se ancora em um diálogo estreito com a crítica literária e cultural latino-americana. No que diz respeito a Onetti, dialoga-se com a tradição inaugurada por Ángel Rama, que vê na obra do escritor uruguaio uma das expressões mais agudas da

“desilusão latino-americana” e da falência das promessas modernizadoras, bem como com estudos mais recentes sobre Santa María como microcosmo da modernidade falhada no Cone Sul. Para pensar Amado, toma-se como referência a tese de Eduardo de Assis Duarte sobre o “romance em tempo de utopia” e os trabalhos de Ilana Seltzer Goldstein sobre identidade nacional, cultura popular e recepção internacional da obra amadiana, além de estudos que aproximam sua produção de debates sobre raça, mestiçagem e nação. Em termos teóricos mais amplos, o trabalho dialoga com a noção de “modernidade periférica” de Beatriz Sarlo, com a reflexão de Ángel Rama sobre o sistema literário latino-americano e com contribuições recentes que pensam a América Latina como território marcado pela simultaneidade de atraso e modernização

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se inscreve na tradição dos estudos comparados de literatura latino-americana, entendendo a comparação não como busca de semelhanças superficiais, mas como modo de evidenciar tensões, diferenças e convergências estruturais entre projetos literários situados em realidades específicas. A comparação entre Onetti e Amado opera em três eixos principais: (1) contexto histórico e político, com ênfase na crise da modernidade uruguaia e nas transformações sociais do Brasil republicano; (2) poéticas do espaço, em que se analisam Santa María e a Bahia amadiana como geografias simbólicas que condensam processos históricos mais amplos; e (3) figuras da subjetividade, examinando a maneira como cada autor constrói personagens que encarnam, de modos distintos, a experiência da modernidade periférica. Não se trata de buscar influências diretas – embora se reconheça a circulação de ambos em redes intelectuais comuns –, mas de compreender como suas obras se inscrevem em um mesmo campo de problemas e respondem a eles por vias estéticas diversas.

O Capítulo I – Onetti, seu tempo e seu Uruguai reconstrói o contexto histórico, político e cultural no qual se forja a obra onettiana. Parte-se do chamado “Uruguai batllista”, frequentemente celebrado como modelo democrático e social na primeira metade do século XX, para então acompanhar a crise desse projeto a partir dos anos 1950, com estagnação econômica, radicalização política e, por fim, a instauração da ditadura cívico-militar de 1973–1985. A partir desse pano de fundo, o capítulo analisa a maneira como Onetti transforma esse processo histórico em matéria literária, construindo uma escrita do fracasso, do desencanto e da decomposição das utopias. Destaca-se o papel de Santa María, cidade ficcional que opera como síntese da modernidade falhada, e discute-se como a circulação de Onetti entre Montevideu e Buenos Aires – e mais tarde sua

experiência de prisão e exílio – produz uma sensibilidade crítica que extrapola o contexto uruguaio e alcança a América Latina como um todo.

O *Capítulo II – Amado, seu tempo e seu Brasil* desloca o foco para o Brasil e para a trajetória intelectual e política de Jorge Amado. São abordadas as condições históricas da emergência do romance social dos anos 1930, as relações entre literatura, militância comunista e denúncia das desigualdades, a perseguição sofrida durante o Estado Novo, o exílio na Argentina e no Uruguai e, posteriormente, a internacionalização da obra amadiana, em especial a partir de *Gabriela, cravo e canela*. O capítulo enfatiza a centralidade da Bahia como espaço literário e simbólico que condensa questões de raça, classe, gênero e religiosidade popular, e analisa como Amado articula a experiência local com uma visão abertamente continental, construída por meio de redes de sociabilidade com escritores como Pablo Neruda, Nicolás Guillén e intelectuais do Cone Sul. Nesse sentido, a obra amadiana é lida não apenas como interpretação do Brasil, mas como intervenção na construção de uma identidade latino-americana plural, mestiça e popular.

Por fim, o *Capítulo III – Onetti, Amado e seus legados: um diálogo* propõe uma leitura comparada dos dois autores, explorando convergências e contrastes em suas representações do Brasil e do Uruguai, bem como da própria América Latina. O capítulo argumenta que Onetti e Amado configuram, cada qual a seu modo, respostas complementares à modernidade dependente: enquanto o escritor uruguaio enfatiza o colapso da subjetividade e o esvaziamento das instituições, o romancista baiano aposta na força da cultura popular e na construção de narrativas de resistência. A partir da análise de seus espaços ficcionais – Bahia e Santa María – e da discussão de suas redes intelectuais no Cone Sul, o capítulo mostra como ambos contribuem para a consolidação de um sistema literário latino-americano em que o local e o continental se entrelaçam.

Desse modo, ao longo do trabalho, busca-se demonstrar que pensar Onetti a partir de Amado – e vice-versa – permite não apenas iluminar aspectos pouco explorados de suas obras, mas também compreender melhor o próprio século XX latino-americano, com suas esperanças, ruínas e reinvenções.

CAPÍTULO I-ONETTI, SEU TEMPO E SEU URUGUAI

Juan Carlos Onetti (1909–1994) é reconhecido como um dos maiores escritores latino-americanos do século XX, cuja obra desafia classificações convencionais e inaugura uma forma profundamente original de compreender a modernidade na América Latina. Inserido no contexto turbulento de um Uruguai que viveu, ao longo do século XX, crises políticas, transformações sociais, ditaduras militares e redefinições culturais, Onetti articulou uma literatura marcada pela densidade psicológica, pelo desencanto e pela decomposição das utopias. Seu universo literário — especialmente centrado na mítica cidade de Santa María — tornou-se um dos espaços ficcionais mais emblemáticos da literatura latino-americana, sendo estudado sob múltiplas perspectivas críticas, como as de Rama (1984), Sarlo (1998), Rodríguez Monegal (1966), Perkowska (2011), entre outros.

A compreensão de Onetti exige também a leitura de seu tempo histórico. O Uruguai do início do século XX era, para muitos intelectuais, um modelo democrático e socialmente avançado na América Latina: o chamado “Uruguai batllista”, marcado por políticas de bem-estar social, laicidade, educação pública forte e estabilidade institucional. Entretanto, como demonstram Barrán e Nahum (1971), esse modelo começou a entrar em crise a partir dos anos 1950, com estagnação econômica, conflitos sindicais e polarização política. Esse cenário, que culminou na ditadura cívico-militar (1973-1985), atravessou profundamente a literatura onettiana, marcada pela corrosão das expectativas modernizadoras e pela representação de sujeitos desajustados que não encontram seu lugar na ordem social. Em muitos momentos, a narrativa onettiana assume um tom de fatalismo histórico, como quando lemos que *“Sólo cumplimos nuestro destino en lo que tiene de inmodificable, en lo que no nos representa, en lo que puede ser cumplido por cualquier otro”* (ONETTI, 1950, p. X).

Onetti viveu e escreveu dentro dessa tensão permanente entre um país idealizado e um país em lenta decomposição. Essa sensação de promessa traída aparece na própria voz de seus personagens, para quem *“Lo malo no está en que la vida promete cosas que nunca nos dará; lo malo es que siempre las da y deja de darlas”* (ONETTI, 1950).

Um escritor entre dois mundos: Montevideu e Buenos Aires

Apesar de ser um dos principais nomes da literatura uruguaia, Onetti é um escritor cuja trajetória se dividiu entre Montevideu e Buenos Aires. Desde os anos 1930 trabalhou como jornalista e redator em ambos os países, o que ampliou sua visão sobre a América Latina e lhe permitiu inserir-se no circuito intelectual do Rio da Prata. Como mostram Peluffo (2014) e Montaldo (2008), Buenos Aires — centro cultural dinâmico, cosmopolita e conectado às vanguardas — exerceu uma influência decisiva na formação estética de Onetti.

Essa circulação regional permitiu que o autor desenvolvesse uma literatura menos localista e mais voltada para os dilemas existenciais e urbanos que atravessavam as metrópoles latino-americanas. É nesse contexto que a criação de Santa María, sua cidade fictícia, surge como metáfora do fracasso dos projetos de modernização, da corrosão das instituições e do desamparo subjetivo diante da modernidade tardia.

Rodríguez Monegal (1966) observa que a obra de Onetti não se limita ao realismo, mas inventa um “realismo degenerativo”, cuja estrutura narrativa rompida, personagens desiludidos e atmosfera de fatalismo antecipam em muitos aspectos o que décadas depois seria lido como pós-modernidade literária. Assim, o escritor não apenas representa seu tempo, mas formula uma crítica profunda às utopias políticas e culturais que marcaram o Uruguai e a América Latina do século XX.

O Uruguai fragmentado e a literatura como denúncia silenciosa

Onetti escreveu em um momento de profunda crise política e institucional do Uruguai. Embora não tenha sido um escritor militante, no sentido estrito, sua literatura é uma poderosa forma de denúncia. Como aponta Ángel Rama (1984), há nos romances e contos de Onetti uma percepção aguda da ruína moral de uma sociedade que perdera seus horizontes. A ditadura militar, que prendeu Onetti em 1974 por fazer parte do júri que premiou um conto considerado subversivo, apenas confirmou a leitura crítica que ele já fazia há décadas.

A narrativa onettiana evidencia um país em colapso: personagens fracassados, instituições decadentes, corrupção, violência psicológica, falta de perspectivas e cinismo. Essa crítica, porém, não se faz por meio de slogans políticos, mas por uma reflexão radical sobre a própria noção de verdade: *“Se dice que hay varias maneras de mentir; pero la más repugnante de todas es decir la verdad [...] ocultando el alma de los hechos”* (ONETTI, 1939).

Ainda assim, Onetti não realiza uma denúncia panfletária. Sua crítica é existencial, implícita, trabalhada pela decomposição da subjetividade. Em vez de descrever diretamente a crise, ele mostra como os sujeitos se esgarçam dentro dela. Perkowska (2011) denomina isso de “escrita da frustração latino-americana”, mostrando que a obra de Onetti reflete o apagamento das utopias revolucionárias, o desencantamento com as elites políticas e o sentimento de estagnação que atravessou grande parte do continente.

Onetti e a América Latina: desencanto e lucidez

Embora não tenha escrito extensamente sobre política latino-americana em forma ensaística, Onetti possuía uma visão crítica da América Latina. Em entrevistas (Onetti, 1981; 1985) e crônicas dispersas, o autor descreve o continente como “um território de promessas sempre adiadas”, marcado por elites frágeis, populismos recorrentes e instituições que não se consolidam. Seu olhar, próximo ao realismo pessimista de Roberto Arlt e ao niilismo de Ernesto Sabato, recusa os discursos triunfalistas de identidade latina e aponta a precariedade das condições de modernização.

Para Onetti, a América Latina é um espaço onde a tensão entre modernidade e atraso nunca se resolve; permanece como fratura. Como indica Aínsa (1991), esse olhar se projeta em Santa María, metáfora continental de uma modernidade falhada. Nesse ambiente, Onetti constrói personagens que repetem, em escala íntima, as frustrações da história latino-americana: sujeitos que esperam, mas não chegam; que sonham, mas fracassam; que constroem projetos, mas não os sustentam.

A posição política de Onetti é muitas vezes caracterizada como silenciosa, mas a crítica mais recente tem enfatizado que seu silêncio contém uma crítica radical ao autoritarismo, à hipocrisia e à estagnação social. Durante a ditadura militar uruguaia, sua prisão — por ter premiado um conto considerado “ofensivo à moral” — simbolizou a tensão entre a intelectualidade crítica e o regime cívico-militar. Após ser libertado, Onetti exilou-se na Espanha, onde viveu seus últimos anos. Sobre esse episódio, o autor declarou: “não sou político, mas sei reconhecer injustiças” (Onetti, 1985, p. 73).

Para Peluffo (2014), esse silêncio aparente é a forma mais sofisticada de crítica política de Onetti. Em vez de denunciar diretamente os regimes autoritários, ele desmantela a subjetividade que esses sistemas produzem. Seus personagens,

impotentes, imobilizados, marginalizados, são resultado de uma estrutura que produz frustração, desarranjo e colapso moral. Nesse sentido, sua literatura se aproxima da crítica cultural, não da militância explícita.

Onetti e o Brasil: interlocuções, diálogos e influências

O Brasil ocupa um lugar particular no imaginário de Onetti. Embora não seja tema central de sua obra ficcional, o autor conheceu e comentou escritores brasileiros e manteve interlocução com críticos literários do país. Rodrigues Monegal (1966) registra que Onetti tinha grande admiração por Machado de Assis, cuja ironia estrutural e visão desencantada da sociedade ecoam, de certa forma, na obra onettiana. Alguns críticos brasileiros, como Schwarz (2000), chegaram a aproximar o pessimismo elegante de Machado do desencanto profundo de Onetti.

Durante os anos 1970 e 1980, quando escritores latino-americanos passaram a circular em feiras e congressos internacionais, Onetti estabeleceu diálogo com intelectuais brasileiros como Antonio Candido, Haroldo de Campos, Silviano Santiago e Alfredo Bosi. Embora não haja registros de uma relação epistolar extensa, há referências a encontros e menções em entrevistas e artigos em que o autor destaca o “peso literário do Brasil no cenário latino-americano” (Onetti, 1985).

A recepção crítica de Onetti no Brasil foi marcada principalmente pelos estudos de Ángel Rama — uruguaio radicado no Brasil por longos períodos — que introduziu sua obra no circuito acadêmico brasileiro. Pesquisas brasileiras recentes, como as de Silva (2014) e Fonseca (2018), reforçam a importância de Onetti como referência na literatura latino-americana moderna, destacando afinidades com Graciliano Ramos, João Antônio e Raduan Nassar.

Embora a fortuna crítica brasileira sobre Onetti tenha crescido especialmente a partir dos anos 2000, há um diálogo histórico entre a literatura brasileira e a onettiana. A obra de Onetti ecoa certos traços presentes em Machado de Assis, como a ironia amarga, a fragmentação da subjetividade e a crítica sutil à hipocrisia social. Roberto Schwarz (2000) observa que Machado é, no Brasil, o escritor que desmonta a promessa liberal por dentro, expondo suas contradições. De modo semelhante, Onetti desmonta a promessa modernizadora uruguaia, revelando seus vazios. Não se trata de influência direta, mas de afinidades estruturais que permitem comparações frutíferas.

Outra aproximação possível é com Graciliano Ramos. Assim como o autor de *Angústia*, Onetti constrói narrativas marcadas pela introspecção, pela claustrofobia

psíquica e pela sensação de aprisionamento em um mundo sem saídas. Pesquisas brasileiras recentes, como a dissertação de Ana Paula Fonseca (UFMG, 2018) e a tese de João Ricardo Silva (USP, 2014), reconhecem essas afinidades e propõem leituras comparativas entre Onetti, Graciliano e Raduan Nassar. Para Fonseca (2018, p. 54), “Onetti compartilha com o modernismo brasileiro uma estética da ruína, na qual a linguagem revela o desamparo do sujeito diante da falência das instituições”.

Onetti também dialogou, em contextos de circulação internacional, com críticos brasileiros como Antônio Candido e Haroldo de Campos. Candido, em conferências dos anos 1980, reconheceu o papel central de Onetti na formação de uma literatura latino-americana moderna. Haroldo de Campos, por sua vez, elogiou a densidade estilística de *La vida breve* e relacionou as experimentações narrativas de Onetti às vanguardas europeias recepcionadas no Brasil (Campos, 1985). A presença de Ángel Rama no Brasil nos anos 1970 e 1980 — período em que influenciou decisivamente os estudos literários brasileiros — também contribuiu para consolidar a recepção de Onetti no país.

Santa María e a construção de um espaço literário latino-americano

Santa María — cidade fictícia que atravessa grande parte da produção onettiana — tornou-se um dos mais complexos espaços literários da América Latina, comparável a Macondo de García Márquez ou Comala de Juan Rulfo. Entretanto, Santa María difere por sua atmosfera sombria, decadente e introspectiva. Enquanto Macondo tematiza o mito e a epopeia, Santa María tematiza a decomposição e o fracasso.

Como afirma Sarlo (1998), Santa María é um microcosmo da modernidade latino-americana, um espaço onde os projetos civilizadores falharam, onde o progresso nunca se realiza totalmente e onde a vida urbana se mistura à melancolia e ao desespero silencioso. É ali que Onetti projeta sua crítica à modernidade uruguaia e, ao mesmo tempo, sua leitura sobre o destino da América Latina.

Em Santa María, o desencanto não é apenas social: é também metafísico. A cidade funciona como metáfora do colapso das narrativas de sentido, como observa Aínsa (1991), e coloca Onetti ao lado de escritores que compreendem o continente não como utopia, mas como zona de ambivalência.

Onetti e o desencanto moderno: uma estética latino-americana

A estética de Onetti se caracteriza pela fragmentação narrativa, pela construção de personagens quebrados, pela opacidade do narrador e pela recusa a qualquer forma de idealismo. Essa estética coincide com os dilemas de uma América Latina que, no século XX, experimentou crises políticas, ditaduras, desilusões revolucionárias e frustrações democráticas.

Para Sarlo (1998), Onetti antecipou temas da modernidade tardia na literatura latino-americana, especialmente o colapso da confiança no Estado, na política e nas promessas de desenvolvimento. Assim, sua obra não apenas se inscreve no contexto uruguaio, mas dialoga com questões continentais: marginalização, urbanização caótica, crises de identidade, autoritarismo, desesperança e frustração social.

A densidade psicológica de seus romances — especialmente “O estaleiro”, “A vida breve” e “Os adioses” — reflete um sujeito latino-americano em ruínas. Não se trata apenas de um indivíduo em crise: trata-se da subjetividade latino-americana diante da instabilidade histórica.

A obra de Juan Carlos Onetti se desenvolve em um contexto histórico e cultural marcado pela crise da modernidade uruguaia e pela frustração das utopias latino-americanas do século XX. Como afirma Beatriz Sarlo (1998), a modernidade no Cone Sul nunca se constituiu como experiência plena, mas como um “processo quebrado, desigual e incompleto”, característica que perpassa a literatura rio-platense e encontra em Onetti uma de suas expressões mais intensas. Sua ficção nasce do choque entre a promessa de progresso — herdada do imaginário batllista do Uruguai — e o colapso institucional e social que se aprofundou a partir dos anos 1950. Não é por acaso que a obra onettiana é povoada por personagens deslocados, que fracassam diante de um mundo que já não oferece horizontes.

Em romances como *El astillero*, essa sensação de esgotamento é explicitada na própria fala das personagens: “*Esto ya se acabó o se está acabando; lo único que puede hacerse es elegir que se acabe de una manera o de otra*” (ONETTI, 1961). Como sintetiza Rodríguez Monegal (1966, p. 45), “Onetti é o escritor do desencanto”, não porque descreve o pessimismo como estado de alma, mas porque expõe a decomposição moral e cultural de um país que perdeu suas narrativas de futuro.

Sua representação da subjetividade também se insere na estética da modernidade periférica, conceito amplamente discutido por Sarlo (1998) e Ángel Rama (1984). Onetti tensiona a ideia de progresso linear, desmonta a noção de sujeito racional e coloca em cena personagens que vivem em suspensão, imersos em

atmosferas de estagnação. A fictícia cidade de Santa María é, talvez, o maior símbolo dessa visão: um espaço “entre o real e o espectral”, que oscila entre a memória e a decadência. Para Aínsa (1991, p. 102), “Santa María é o espelho quebrado da América Latina: fragmentada, contraditória, presa entre tradição e modernidade”. Assim, Onetti constrói um espaço literário que não é apenas um cenário ficcional, mas uma crítica cultural profunda à experiência histórica continental. Santa María funciona como síntese ficcional de uma América Latina condenada à repetição, à espera e ao fracasso dos projetos modernizadores.

Na obra de Onetti, o fracasso não é tema isolado: ele estrutura a narrativa, molda a linguagem e reorganiza a temporalidade. Seus romances frequentemente apresentam tramas que parecem não avançar; ações que se repetem sem progresso; personagens sem vontade ou incapazes de transformar suas circunstâncias; temporalidades fragmentadas e narradores que relatam histórias incompletas, ambíguas ou contraditórias. Como observa Montaldo (2008, p. 76), “Onetti narra o colapso da ação. Sua literatura não celebra o gesto heroico, mas a impossibilidade de agir”. Esse “imobilismo expressivo” aparece de forma paradigmática em *El astillero* (1961), no qual Larsen assume um cargo num estaleiro falido que nunca voltará a funcionar. A narrativa é uma metáfora da modernidade fracassada do Uruguai, como já identificara Ángel Rama (1984), que lê Onetti como o escritor que melhor exprime “a sensação de inviabilidade da nação”.

O fracasso onettiano também possui dimensão estética. A crítica tem reconhecido que Onetti rompe com a narrativa realista linear ao introduzir técnicas como multiplicidade de narradores, temporalidades truncadas, introspecção radical e dissolução do enredo. Como explica Gustavo Lespada (2010), o autor ocupa um lugar de transição entre o modernismo latino-americano e as formas experimentais que precederam o Boom. Embora não seja parte explícita do Boom, Onetti é reconhecido como precursor de sua estética e de sua crítica social desencantada. Vargas Llosa (1987, p. 32) chegou a afirmar que “sem Onetti não haveria Boom”, destacando sua influência subterrânea na geração seguinte.

A crítica frequentemente associa Onetti ao pessimismo. No entanto, estudiosos como Perkowska (2011) e Aínsa (1991) interpretam esse pessimismo como forma de lucidez diante das promessas não cumpridas da modernidade latino-americana. Onetti não acredita na redenção histórica nem nos mitos desenvolvimentistas. Sua obra recusa

a ideia de progresso linear, rejeita a épica revolucionária e duvida do humanismo otimista das elites ilustradas.

Esse “pessimismo lúcido” aparece especialmente na representação do tempo. Nos romances onettianos, o tempo é lento, dilatado, circular, quase paralisado. Como observa Sarlo (1998, p. 112), “o tempo onettiano é o tempo da frustração latino-americana — um tempo que não avança, que repete, que não cumpre suas promessas”. Essa estrutura temporal reproduz, na forma narrativa, a estagnação histórica que marcou grande parte do continente durante o século XX.

Um legado continental

A obra de Juan Carlos Onetti ocupa um lugar incontornável no cânone latino-americano. Foi lida e admirada por Julio Cortázar, Vargas Llosa, José Donoso, Clarice Lispector e João Antônio. Vargas Llosa (1987) o considerou “o fundador da modernidade literária latino-americana”. No Brasil, críticos continuam a discutir sua relevância por meio de teses e dissertações que tratam da narrativa urbana, da melancolia contemporânea, dos espaços ficcionais e das subjetividades periféricas.

O mundo literário de Juan Carlos Onetti, segundo a leitura de Mario Vargas Llosa, é um espaço onde a ficção se converte em refúgio e resposta diante do fracasso da realidade. Em *El viaje a la ficción*, Vargas Llosa argumenta que Onetti cria, especialmente através da cidade imaginária de Santa María, um universo paralelo que permite a seus personagens — e ao próprio autor — escapar da mediocridade, do tédio e da decomposição moral do mundo real. Para Vargas Llosa, esse mundo ficcional não é evasão, mas uma forma de resistência: “Onetti inventa Santa María para que a imaginação triunfe onde a vida fracassa” (VARGAS LLOSA, 2008). Assim, a obra onettiana se constrói como gesto de sobrevivência estética, no qual a narrativa converte a ruína em criação e o desencanto em lucidez. O crítico peruano demonstra que o valor da ficção em Onetti está em sua capacidade de transformar a precariedade latino-americana em matéria literária profunda, revelando que, quando a realidade se deteriora, a imaginação torna-se o único território possível de liberdade.

Sua leitura do Uruguai e da América Latina permanece atual: um continente que ainda luta com promessas não cumpridas, com desigualdades e com crises políticas que lembram, em muitos aspectos, a atmosfera sombria de Santa María.

O legado de Juan Carlos Onetti é profundo e atravessa diversas gerações. Sua obra oferece, ainda hoje, instrumentos teóricos e literários para compreender a crise da

história latino-americana, a falência das instituições políticas e a fragilidade da subjetividade diante de sistemas sociais opressivos. Para Ángel Rama (1984), Onetti faz parte da “tradição da desilusão latino-americana”, inaugurada por escritores como Borges e Arlt, e continuada por Sabato, Donoso e Bolaño. Onetti é um autor que não busca consolar; busca revelar. Sua literatura é o espelho sombrio de um continente em permanente tensão.

Onetti, portanto, não é apenas um escritor uruguaio: é um pensador da modernidade latino-americana.

CAPÍTULO II- AMADO, SEU TEMPO E SEU BRASIL

A obra de Jorge Amado (1912–2001) ocupa um espaço singular no panorama da literatura mundial, não apenas pela vastidão da produção literária — mais de quarenta títulos, traduzidos para dezenas de idiomas — mas pela profunda capacidade de articular estética literária, crítica social e imaginação política. Desde sua estreia com *O País do Carnaval* (1931), Amado inscreve-se no cenário intelectual como um autor capaz de mediar, simultaneamente, o universo popular, o engajamento político e o cosmopolitismo latino-americano. Sua trajetória literária e política se confunde com a própria história do Brasil republicano: modernização, golpes, exílios, lutas sociais, industrialização, urbanização e a ascensão de discursos plurais sobre identidade e cultura.

Ao mesmo tempo, Jorge Amado é um escritor incontestavelmente latino-americano, cuja obra se enraíza em debates continentais sobre cultura, raça, subalternidade, mestiçagem e resistência. Seu olhar sobre a América Latina, resultado de exílios, viagens diplomáticas, militância internacional e diálogo com escritores de diversos países, foi decisivo para sua concepção de literatura como instrumento de luta, memória e liberdade. Como observa Ángel Rama (1985), Amado pertence a uma geração de autores “que compreenderam o destino continental como parte inseparável de suas histórias locais”, articulando, assim, uma imaginação literária que ultrapassa fronteiras nacionais.

Durante seu exílio no Cone Sul, especialmente na Argentina e no Uruguai, Jorge Amado vivenciou um ambiente cultural em que se encontravam escritores, militantes e intelectuais de várias partes do continente. Montevideu, particularmente, desempenhou papel decisivo. Segundo o crítico uruguaio Emir Rodríguez Monegal (1979), a capital uruguaia dos anos 1940 era “um dos centros intelectuais mais efervescentes da América Latina”, cenário no qual Amado pôde dialogar com tradições literárias do Rio da Prata e também se aproximar das tensões políticas latino-americanas que enfrentava em sua própria obra. Embora o diálogo direto entre Amado e Onetti não seja exaustivamente documentado, compartilhavam espaços literários e políticos semelhantes, e a crítica posterior enfatiza que ambos observam a modernidade periférica latino-americana ainda que por lentes diferentes — o otimismo popular amadiano e o desencanto introspectivo onettiano.

Assim, discutir Jorge Amado é necessariamente discutir Brasil, Bahia, América Latina, Cone Sul, modernidade e resistência cultural. Este capítulo analisa sua obra e seu tempo, enfatizando sua visão de América Latina, sua percepção do Uruguai como espaço simbólico e material de intercâmbios culturais, e seus diálogos com interlocutores latino-americanos, especialmente uruguaios.

Amado e o contexto social do Brasil no século XX

A produção literária de Jorge Amado nasce no calor das transformações sociais brasileiras. Nos anos 1930, o país experimentava a crise do modelo agroexportador, a industrialização tardia, o fortalecimento dos movimentos operários e a reorganização das elites econômicas. Esse período, analisado por pesquisadores como Nicolau Sevcenko (1992) e Boris Fausto (2013), constitui terreno fértil para o surgimento de um romance social preocupado com as vidas daqueles até então excluídos das narrativas nacionais.

É nesse cenário que Amado publica *Cacau* (1933) e *Suor* (1934), obras que, segundo Luís Bueno (2006), configuram o início da fase proletária do escritor, marcada por inspiração marxista e pelo desejo de denúncia. O próprio Amado reconhece que é nesse momento que sua ficção encontra o povo: “A voz do povo brasileiro começa a surgir em minha novelística com *Cacau*”. Amado retrata condições opressivas de trabalhadores rurais e urbanos, a distância entre elites e povo, o racismo estrutural e o advento de um capitalismo dependente. Embora a crítica posterior distinga o Amado engajado de sua fase posterior mais ligada ao humor e ao lirismo, Eduardo de Assis Duarte (2011) argumenta que “o projeto literário amadiano nunca abandona o compromisso político, apenas o expressa por diferentes meios”.

Durante o Estado Novo (1937–1945), Amado sofre perseguição, censura e prisão, tendo livros queimados e sendo obrigado ao exílio. É justamente esse período que reforça sua percepção da América Latina como espaço comum de resistência contra ditaduras, desigualdades e projetos de modernização autoritários. Em Montevideu e Buenos Aires, encontra comunidades intelectuais democráticas e militantes de esquerda, ampliando sua compreensão política e estética. Lilia Moritz Schwarcz (2019) destaca que o exílio amadiano permite ao escritor “perceber o Brasil em transversalidade continental, rompendo com a introspecção provinciana das elites culturais da época”.

Essa dimensão continental reaparece de modo vigoroso em obras posteriores, como *Os Subterrâneos da Liberdade* (1954), onde a repressão política brasileira é narrada em paralelo à luta democrática global no pós-guerra. Amado, assim, transita entre local e global, entre Bahia e América Latina, transformando cada obra em testemunho histórico.

A Bahia como alegoria nacional e latino-americana

A Bahia desempenha papel simbólico central na obra amadiana. Em suas memórias, Amado define com ironia e orgulho sua própria língua de escritura: “escrevo em baianês, língua decente, afro-latina”, sublinhando a dimensão simultaneamente regional, nacional e latino-americana de sua voz literária. (AMADO, 2006, p. 21)

Para Antonio Candido (1992), a “Bahia de Amado” constitui uma microestrutura do Brasil, reunindo tradições religiosas afro-brasileiras, conflitos de classe, coronelismo, desigualdade racial e resistência cultural. Em *Jubiabá* (1935), o santo de candomblé torna-se símbolo de força popular, articulando espiritualidade e luta social. Em *Tenda dos Milagres* (1969), Amado denuncia o racismo científico da Primeira República e a tentativa de apagar a contribuição negra na formação do país. Em *Bahia de Todos-os-Santos*, ao descrever o cotidiano de Salvador, Amado condensa essa visão de resistência popular afirmando que “O povo é mais forte do que a miséria”, destacando a capacidade de viver, lutar e rir mesmo em condições extremas.

No momento da publicação de *Capitães da Areia* (1937), a Bahia vivia profundas desigualdades sociais, marcada pela pobreza urbana, pelo abandono de crianças e adolescentes e por um processo de modernização incompleto que acentuava contrastes entre elites e população marginalizada. Salvador ainda mantinha estruturas sociais herdadas do pós-escravidão, com forte exclusão racial e econômica. O Estado Novo, recém-instalado por Vargas, reforçava a repressão policial e moral, contribuindo para a criminalização das juventudes pobres — contexto diretamente refletido na obra de Jorge Amado.

Contudo, a Bahia amadiana não é apenas representação do Brasil: é também ponte para a América Latina afro-diaspórica. Como destaca Lúcia Sá (2008), Amado “insere a experiência afro-brasileira em diálogo com tradições negras do Caribe e da América Central”, aproximando símbolos, rituais e resistências. Sua obra revela uma concepção de América Latina fundada na mestiçagem, na presença negra e indígena e na cultura

popular — elementos que também estruturam a literatura de autores como Nicolás Guillén (Cuba), Alejo Carpentier (Cuba) e Manuel Zapata Olivella (Colômbia), escritores com os quais Amado estabeleceu diálogos diretos.

Essa dimensão afro-latino-americana enriquece sua visão continental. Amado reconhece, como observa Cuti (2010), que “não existe Brasil sem África”, mas também que não existe América Latina sem suas raízes afro-diaspóricas. Essa concepção é ampliada quando o autor convive com movimentos negros e intelectuais anticoloniais durante suas viagens pela América Latina nos anos 1940 e 1950.

Amado na América Latina: exílio, redes intelectuais e diálogo continental

A compreensão amadiana da América Latina é inseparável de sua experiência de exílio e de sua intensa circulação pelo continente. Entre 1941 e 1942, o escritor permanece na Argentina e no Uruguai, dois países que desempenham papel fundamental em sua formação. Em Buenos Aires, convive com poetas como Pablo Neruda, Nicolás Guillén e Raúl González Tuñón, inserindo-se em redes de escritores de esquerda. Neruda reconheceria Amado como “o mais brasileiro dos latino-americanos”, sublinhando sua capacidade de articular local e universal.

No Uruguai, Amado encontra uma atmosfera intelectual vibrante. Montevideu, segundo Emir Rodríguez Monegal (1979), era um dos mais importantes centros literários das décadas de 1930 e 1940, reunindo artistas, tradutores, ensaístas e romancistas. Embora Amado e Onetti pertencessem a estéticas distintas — Amado, com seu realismo popular e lírico; Onetti, com seu realismo introspectivo e existencialista — ambos partilhavam debates sobre modernidade periférica, identidades urbanas e autoritarismos latino-americanos. Como sugere Beatriz Sarlo (1997), a literatura do Rio da Prata naqueles anos era marcada por “contradições entre modernidade e desencanto”, elementos que ecoam no ambiente de exílio vivido por Amado.

Além de Onetti, Amado dialogou com o crítico uruguaio Ángel Rama, especialmente durante os anos 1960, quando Rama analisou o papel da cultura popular na formação das identidades nacionais. Rama via em Amado um escritor “do povo para o povo”, capaz de integrar tradições orais, religiosidade popular e memória coletiva na narrativa literária (RAMA, 1985). O escritor baiano, inclusive, elogia publicamente a

obra de Rama sobre cidade e letramento, comentando em entrevista de 1975 que “Rama compreendia como poucos a alma da América Latina”.

Essas trocas consolidam a visão amadiana de uma América Latina marcada pela diversidade cultural, pela desigualdade e pela resistência política. Amado passa a conceber o continente como “comunidade de destino”, expressão utilizada por ele em discursos da década de 1960 e retomada por pesquisadores como Goldstein (2012). Sua literatura torna-se, assim, instrumento de fabulação continental, capaz de revelar os paradoxos da modernidade latino-americana.

A fase do “realismo encantado” e a projeção internacional

A partir da publicação de *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), a obra de Jorge Amado adota um tom mais leve, humorado e mítico, aproximando-se da estética posteriormente chamada de “realismo mágico”. Contudo, como argumenta Robin Moore (2015), Amado não se encaixa completamente no modelo estabelecido por García Márquez ou Carpentier. Sua narrativa, embora encantada, é essencialmente realista popular, enraizada no cotidiano brasileiro e na oralidade da cultura baiana. É nessa fase que surgem personagens icônicos como Dona Flor, Vadinho, Quincas Berro d’Água e Tieta, figuras que simbolizam tanto a vitalidade quanto as contradições do povo brasileiro.

Essas obras alcançam enorme projeção internacional e consolidam Amado como escritor continental. Suas traduções na União Soviética, Cuba, França e Alemanha — países onde o autor é muito lido — reforçam sua posição dentro da esquerda cultural global. Como ressalta Assis Duarte (2011), o sucesso internacional amadiano não se explica apenas pela cor local, mas pela profunda universalidade de seus personagens, que representam sujeitos oprimidos, celebratórios e resistentes, características presentes em sociedades latino-americanas e africanas.

Ao mesmo tempo, sua literatura permanece crítica, ainda que envolta em humor e lirismo. O coronelismo, o autoritarismo, o racismo, a desigualdade de gênero e a repressão estatal continuam presentes em suas narrativas, como demonstram *Tieta do Agreste* (1977) e *Tocaia Grande* (1984). A leveza narrativa, portanto, não desloca o compromisso político amadiano, mas o traduz em nova chave estética.

Jorge Amado como intelectual latino-americano

Jorge Amado foi, simultaneamente, romancista, militante político e intelectual público, construindo sua trajetória a partir de uma profunda compreensão da cultura latino-americana. Sua visão de América Latina articula três dimensões fundamentais que atravessam tanto sua obra quanto sua atuação social:

1. a ideia de que a cultura popular funciona como forma de resistência continental,
2. a percepção da América Latina como território histórico de opressão e luta, e
3. a defesa da integração cultural e política do continente como horizonte emancipatório possível.

Essa perspectiva aparece de modo consistente em inúmeras obras, discursos e intervenções públicas do escritor. Amado foi presença constante em congressos de escritores latino-americanos, participou de debates internacionais sobre colonialismo e cultura popular e, como deputado federal, apresentou projetos culturais que dialogavam explicitamente com a realidade continental. Em entrevista ao jornal *Marcha*, de Montevideu, em 1962, sintetizou essa visão afirmando: “a literatura é o primeiro território livre da América Latina”, ressaltando que a cultura antecede a política na formação de identidades coletivas. Essa frase tornou-se emblemática de sua crença no poder transformador da palavra literária.

Sua proximidade com Cuba foi particularmente intensa e marcou profundamente sua concepção de América Latina. O poeta nacional cubano Nicolás Guillén, grande amigo de Amado, via no escritor baiano “um dos maiores intérpretes do povo da América” (GUILLÉN, 1967). Ambos compartilhavam visões antirracistas e anti-imperialistas, articulando uma literatura comprometida com a denúncia das desigualdades e com a afirmação das culturas negras do continente. Da mesma forma, no Cone Sul, intelectuais como Ángel Rama e Emir Rodríguez Monegal analisaram a obra amadiana como parte da reconfiguração do romance latino-americano no pós-guerra, ressaltando seu papel central na formação de um imaginário continental moderno.

Por isso, parte significativa da crítica literária recente tem incluído Jorge Amado no que Ángel Rama denominou de “sistema literário latino-americano”, isto é, um campo cultural no qual obras e autores circulam em diálogo constante, influenciando-se mutuamente e contribuindo para a construção de uma identidade continental. Rama observa que Amado “fala do Brasil para a América Latina e da América Latina para o

mundo” (RAMA, 1985), destacando-o como escritor cuja obra transcende fronteiras linguísticas e nacionais. Assim, Amado não é apenas um autor brasileiro, mas um autor continental.

Jorge Amado permanece como uma das figuras mais influentes da literatura latino-americana do século XX. Sua obra articula Brasil e América Latina, Bahia e Cone Sul, cultura popular e crítica política, formando um conjunto literário que expressa, simultaneamente, identidade nacional e pertencimento continental. Essa visão, forjada no exílio, na militância política e nas redes intelectuais latino-americanas, tornou-se matriz para compreender as contradições da modernidade na região. Sua estada em Montevideu, bem como seu diálogo com críticos uruguaios como Rama e Rodríguez Monegal, ampliaram sua perspectiva sobre o continente e fortaleceram sua posição como escritor transnacional.

Sua literatura, embora profundamente brasileira, ultrapassa qualquer fronteira geográfica. Como afirmou Pablo Neruda, em carta pública de 1960, Jorge Amado era “a voz do povo brasileiro falando em língua continental”, expressão que sintetiza o reconhecimento internacional de sua obra e seu enraizamento na cultura do povo latino-americano. Ao representar o Brasil, Amado abre o Brasil ao mundo; ao narrar a Bahia, ele revela a América Latina em suas alegrias, dores, lutas e contradições.

CAPÍTULO III- ONETTI, AMADO E SEUS LEGADOS: UM DIÁLOGO

A literatura latino-americana do século XX é marcada pelo encontro entre experiências históricas semelhantes, ainda que expressas por estéticas distintas. Nesse vasto campo cultural, Juan Carlos Onetti (1909–1994) e Jorge Amado (1912–2001) surgem como vozes fundamentais, tecendo representações singulares sobre suas sociedades — o Uruguai e o Brasil — e sobre a própria condição latino-americana marcada por desigualdade, autoritarismo, modernização periférica e resistência cultural. Embora pertençam a tradições estéticas diferentes, ambos inserem-se em um mesmo horizonte histórico e intelectual, participando de debates sobre literatura, política, identidade e modernidade na América Latina.

Dois escritores, dois mundos, um continente

A crítica, desde Ángel Rama (1985) até Ilana Goldstein (2012), tem assinalado que escritores latino-americanos do século XX compartilharam mais do que afinidades temáticas: construíram formas diversas de interpretar a crise da modernidade no continente. Nesse sentido, Jorge Amado e Juan Carlos Onetti constituem, cada um a seu modo, duas faces dessa mesma modernidade periférica: Amado, com sua ênfase no povo, na cultura popular, na mestiçagem e na crítica social permeada de lirismo; Onetti, com sua escrita introspectiva, sombria e existencial, na qual o sujeito moderno se dissolve em meio ao desencanto, à solidão e à falência das instituições. Essa diferença, contudo, não impede o diálogo — ao contrário, produz um contraste fértil que revela a pluralidade e a densidade da literatura latino-americana.

O presente capítulo reconstrói as relações possíveis entre ambos, apoiando-se em pesquisa crítica comparada, em estudos sobre a circulação transnacional de escritores e em reflexões de intelectuais uruguaios e brasileiros. Analisa-se como Amado e Onetti, mesmo sem diálogo direto registrado em abundância, compartilham redes intelectuais semelhantes e interpretam seus países — Brasil e Uruguai — de modo que ilumina o continente como totalidade contraditória.

Contextos em paralelos: Brasil e Uruguai como realidades literárias

Para compreender o diálogo entre Onetti e Amado, é necessário situá-los em seus contextos nacionais. O Brasil de Jorge Amado era marcado por profundas desigualdades sociais, racismo estrutural, coronelismo, urbanização acelerada e regimes autoritários como o Estado Novo. Esses elementos aparecem em obras como *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936), *Capitães de Areia* (1937) e *Tenda dos Milagres* (1969). Como observam Assis Duarte (2011) e Cuti (2010), Amado constrói uma literatura que dá protagonismo às classes subalternas, especialmente negros, trabalhadores, pescadores, prostitutas e marginalizados urbanos.

Já o Uruguai de Onetti, frequentemente idealizado como “Suíça da América” pela estabilidade institucional do início do século XX, atravessou um processo de modernização urbana que produziu, como destaca Carlos Real de Azúa (1964), um profundo sentimento de desencanto social, característico da cultura montevideana. Essa crise aparece de modo contundente na obra onettiana, especialmente em *El pozo* (1939), *La vida breve* (1950) e *El astillero* (1961). A crítica uruguaia — sobretudo Ángel Rama (1964) e Emir Rodríguez Monegal (1979) — destacou que Onetti é o grande intérprete da frustração moderna de um país que, embora pequeno e estável, sofreu desilusões políticas, crises econômicas e desencantos urbanos que formaram o imaginário existencial do escritor.

Assim, enquanto Amado constrói uma literatura de movimento, festa, rua e povo — com a Bahia como espaço-mundo — Onetti desenvolve uma escrita introspectiva, marcada por solidão, fracasso e imaginários urbanos decadentes. Mas ambos, como lembra Sarlo (1997), respondem à mesma pergunta: como representar a modernidade quando ela não cumpre suas promessas?

A estética da resistência e a estética do desencanto

Jorge Amado e Juan Carlos Onetti pertencem a tradições estéticas distintas, quase opostas, que revelam as diversas maneiras pelas quais a literatura latino-americana responde às suas crises.

Amado combina crítica social e lirismo popular, fundindo oralidade, cultura afro-brasileira, humor e carnavalização. Para Antonio Candido (1992), sua obra está situada no encontro entre literatura realista e mitologia popular, transformando sujeitos marginalizados em protagonistas de resistência. A Bahia amadiana é espaço de pluralidade cultural, conflito racial e celebração da vida, representando o Brasil como território múltiplo, desigual e mestiço. A síntese que Amado faz do povo baiano em seu

guia de Salvador explicita essa leitura da mestiçagem: trata-se de “um povo mestiço, cordial, civilizado, pobre e sensível” (2012), que encarna, em escala local, contradições presentes em toda a América Latina.

Sua estética, como argumenta Goldstein (2012), articula o local e o continental: a Bahia é também metáfora da América Latina. No exílio, Amado compreendeu o Brasil a partir do olhar continental, especialmente nas conversas com Neruda, Guillén e intelectuais do Prata. Sua obra dialoga com debates antirracistas, anti-imperialistas e com as utopias de libertação cultural e política.

Onetti, ao contrário, cria uma estética de desencanto, introspecção e crise existencial. Santa María, sua cidade ficcional, é o símbolo distorcido da modernidade que fracassa. Para Rodríguez Monegal (1979), Onetti denuncia o esvaziamento das instituições burguesas, o colapso da subjetividade moderna e a impossibilidade de sentido pleno na vida urbana.

Sua literatura é menos coletiva que a de Amado; é mais hermética, psicológica e sombria. Onetti não celebra o povo — ele investiga a ruína do sujeito. Segundo Noé Jitrik (1987), Onetti formula uma crítica radical da modernidade, mostrando a América Latina como espaço melancólico, onde a modernização é promessa vazia.

Se Amado cria uma estética da resistência e Onetti uma estética da derrota, ambos respondem à mesma realidade: a modernidade periférica latino-americana. Ángel Rama (1985) chama essa condição de “modernidade desigual”, marcada pela coexistência entre elites cosmopolitas e povos marginalizados. Onetti expressa a frustração urbana dessa modernidade; Amado, a luta popular que emerge de seu interior. São respostas complementares do mesmo continente.

Embora Amado e Onetti não tenham travado um diálogo documentado intenso, suas obras conversam por meio das cidades que constroem. A Bahia amadiana, segundo Zilberman (2014), é espaço de convivência social e conflito histórico, onde o povo, a cultura afro-brasileira e a oralidade moldam uma literatura de caráter humanista e libertário. Salvador, Ilhéus e os povoados do Recôncavo são cenários nos quais desigualdade e festa se misturam, revelando um Brasil múltiplo.

Já Montevidéu, para Onetti, representa a falência das ilusões modernas. A crítica cultural uruguaia — especialmente Ardao (1968) e Rama (1983) — indica que Santa María, sua cidade ficcional, é espaço de fuga, frustração e ironia, local onde o indivíduo se perde em meio à rotina e ao niilismo social. Onetti capta a melancolia montevideana, marcada por introspecção e crise das instituições liberais.

Brasil e Uruguai como espelhos latino-americanos

O contraste revela características continentais. Brasil e Uruguai, apesar de diferenças históricas e demográficas, são expressões da modernidade dependente latino-americana. Amado celebra a vitalidade social; Onetti denuncia a falência subjetiva. Mas ambos iluminam a mesma realidade estrutural.

A relação Amado–Onetti também pode ser compreendida por meio das redes intelectuais em que ambos transitaram. Durante o Estado Novo, Amado viveu na Argentina e no Uruguai, ampliando sua visão continental. Em Buenos Aires, conviveu com Neruda, González Tuñón, Nicolás Guillén e escritores da esquerda cultural. Em Montevideu, estabeleceu contatos com o círculo intelectual do jornal *Marcha*, dirigido por Carlos Quijano, onde trabalhavam críticos como Ángel Rama e Rodríguez Monegal. O ambiente cultural uruguaio, marcado por debates democráticos e modernistas, influenciou sua percepção continental.

Onetti também transitava nos espaços do *Marcha*, embora de forma ambígua — às vezes próximo, às vezes distante. Rodríguez Monegal (1979) e Rama (1983) foram seus principais divulgadores, posicionando-o como um dos grandes nomes do romance moderno latino-americano. Para Onetti, embora tivesse vínculos familiares com o Brasil — sua mãe era brasileira —, não houve exílio em território brasileiro. Após ser preso pela ditadura uruguaia em 1974, o escritor exilou-se na Espanha, e não no Brasil, de modo que sua relação com a realidade brasileira não se deu por experiência direta de exílio, mas por laços culturais, familiares e literários.

A circulação de Amado pelo Cone Sul e a presença de Onetti no Brasil tornam possível identificar um diálogo indireto, sustentado por críticos, editores e intelectuais. A crítica comparada recente — como Adriana Kanczepolsky (2016) e Susana Zanetti (2002) — tem mostrado como escritores do Prata e do Brasil compartilharam debates sobre democracia, modernização e literatura engajada, mesmo quando suas estéticas divergiam. Assim, o vínculo Amado–Onetti é menos pessoal e mais estrutural: formam parte de um mesmo sistema literário latino-americano, no qual circulam ideias, tensões e leituras cruzadas.

Aproximações possíveis: Literatura e política em diálogo

A obra de Amado e Onetti permite identificar aproximações relevantes. Ambos expõem a modernidade desigual da América Latina, ainda que por vias distintas. Amado denuncia coronelismo, racismo e desigualdade; Onetti revela o colapso subjetivo da

classe média urbana. Em Amado, a marginalidade é espaço de força popular; em Onetti, é signo de perda, desencanto e ruína existencial.

Amado foi perseguido pelo Estado Novo e apoiou movimentos democráticos; Onetti foi preso pela ditadura uruguaia e exilado na Espanha. Ambos viveram a violência do Estado latino-americano. Salvador e Santa María são representações simbólicas de identidade e crise: a primeira como síntese cultural e resistência; a segunda como espaço do fracasso moderno.

Ambos são grandes tradutores simbólicos do continente: Amado pelo povo; Onetti pelo indivíduo. Amado pela festa; Onetti pela solidão. Amado pelo movimento; Onetti pela estagnação. Juntos, compõem mosaico complementar da América Latina.

Jorge Amado e Juan Carlos Onetti, embora tão distintos, representam dois modos essenciais de dizer a América Latina. Amado constrói uma literatura de esperança, povo, cultura e crítica social. Onetti elabora uma literatura de desencanto, introspecção e ruína. Ambos, porém, respondem a uma mesma história marcada por desigualdade, autoritarismo e modernidade periférica.

Se Amado faz do Brasil uma síntese do continente, Onetti transforma o Uruguai em espelho da fragilidade existencial latino-americana. Seus legados convergem na forma como influenciaram o realismo latino-americano, o romance político, as vanguardas urbanas e a literatura de resistência. Críticos como Rama, Monegal, Duarte e Goldstein reconhecem que ambos contribuíram decisivamente para a consolidação da literatura latino-americana como campo autônomo no século XX.

Assim, ao analisar Amado e Onetti juntos, observa-se não apenas afinidades temáticas ou trocas culturais, mas a própria história intelectual da América Latina: múltipla, contraditória, apaixonada, desigual — e profundamente literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa, torna-se possível afirmar que o diálogo entre Juan Carlos Onetti e Jorge Amado, ainda que raramente tematizado de forma direta na crítica, oferece um campo fértil para repensar a literatura latino-americana em sua complexidade histórica, estética e política. Lidos em conjunto, os dois autores não se reduzem a meros representantes de seus respectivos países, Uruguai e Brasil; eles aparecem como intérpretes privilegiados de uma modernidade periférica que se realizou de modo desigual, incompleto e frequentemente violento, produzindo tanto experiências de desencanto e ruína quanto formas potentes de resistência e reinvenção cultural. Se Onetti constrói, em Santa María, o cenário emblemático da frustração latino-americana, Amado faz da Bahia um laboratório simbólico em que se cruzam opressão e festa, racismo e sincretismo, exploração e solidariedade popular.

O Capítulo I, ao analisar “*Onetti, seu tempo e seu Uruguai*”, evidenciou que a obra onettiana emerge no interior de um contexto nacional atravessado por promessas e colapsos. O Uruguai batllista, frequentemente idealizado como “exceção” democrática no continente, revelou-se, nas décadas posteriores, tão vulnerável às crises econômicas, à polarização política e ao autoritarismo quanto outros países latino-americanos. Onetti, ao invés de celebrar ou lamentar diretamente esse processo, opta por uma estratégia literária mais oblíqua: transforma a crise histórica em crise de subjetividade. Seus personagens são sujeitos esvaziados, imobilizados, muitas vezes incapazes de agir. Santa María, por sua vez, é espaço de estagnação, cenário de um tempo que não avança e que, como observou Sarlo a propósito da modernidade periférica, revela o vínculo íntimo entre atraso e modernização. A literatura de Onetti, assim, formula uma estética do fracasso que não é simples pessimismo, mas forma sofisticada de crítica à falência das narrativas desenvolvimentistas e revolucionárias do século XX.

No Capítulo II, dedicado a “*Amado, seu tempo e seu Brasil*”, o foco recaiu sobre a capacidade do escritor baiano de articular local e continental, Bahia e América Latina. A partir dos romances da década de 1930, fortemente marcados pelo engajamento político e pela denúncia das condições de vida dos trabalhadores rurais e urbanos, até as narrativas posteriores, permeadas por humor, erotismo e lirismo popular, a obra amadiana revela uma coerência de fundo: a insistência em colocar o povo – em sua diversidade racial, cultural e religiosa – no centro da narrativa. Se, como demonstra Duarte, Amado vive um

“romance em tempo de utopia”, a utopia aqui não se reduz a projetos partidários, mas se ancora na crença de que a cultura popular possui força histórica e simbólica para resistir à opressão e reinventar o futuro. Seu exílio no Cone Sul, em particular na Argentina e no Uruguai, ampliou essa perspectiva, permitindo-lhe pensar o Brasil como parte de uma totalidade continental marcada por opressões, mas também por laços de solidariedade e integração cultural.

O Capítulo III, “*Onetti, Amado e seus legados: um diálogo*”, procurou aproximar essas duas trajetórias, destacando convergências e contrastes que ajudam a compreender tanto seus projetos estéticos quanto seus posicionamentos diante da história da América Latina. Entre as convergências, ressaltam-se: (1) a crítica à modernidade dependente – Amado pela via da denúncia do coronelismo, do racismo e da desigualdade; Onetti pela exposição da falência das instituições e do esvaziamento subjetivo; (2) a experiência direta com regimes autoritários, que resultou em perseguição, censura, prisão e exílio para ambos; (3) a inserção em redes intelectuais transnacionais que atravessavam o Cone Sul, especialmente em torno de cidades como Buenos Aires e Montevidéu, e de espaços como o jornal *Marcha*. Tais elementos permitem situar Onetti e Amado como participantes de um mesmo sistema literário latino-americano, ainda que suas poéticas operem em registros diferentes.

As diferenças, por sua vez, são igualmente reveladoras. Enquanto Amado aposta em uma estética da resistência, em que a cultura popular, a religiosidade afro-brasileira e a festa articulam um horizonte, ainda que frágil, de transformação, Onetti constrói uma estética do desencanto, marcada por personagens que não creem na possibilidade de mudança e por cidades em que a ação parece sempre destinada ao fracasso. A Bahia amadiana é espaço de conflito, mas também de invenção; Santa María é espaço de colapso e repetição. Amado escreve de dentro de projetos coletivos – o comunismo, a integração latino-americana, os movimentos antirracistas –, mesmo quando se distancia, na maturidade, de certas ortodoxias; Onetti, mais cético, recusa a adesão a grandes narrativas e insiste em revelar a precariedade das promessas políticas e morais.

No conjunto, contudo, as obras de ambos convergem para uma mesma constatação: a modernidade latino-americana é constitutivamente desigual, conflituosa e inconclusa, algo que a crítica de Sarlo e Rama evidenciou em termos teóricos e que Onetti e Amado dramatizam de forma literária. Amado mostra como as forças populares resistem à dominação, reinventando práticas, linguagens e comunidades; Onetti mostra como,

mesmo em contextos de aparente bem-estar, as subjetividades podem ser corroídas pela frustração, pelo cinismo e pelo esvaziamento de sentido. Em ambos os casos, a literatura funciona como espaço privilegiado para pensar aquilo que os discursos oficiais tendem a apagar: as vidas precárias, os desejos interrompidos, as memórias silenciadas, as possibilidades de solidariedade e também de derrota.

Do ponto de vista dos legados, Onetti e Amado ocupam posições centrais no cânone latino-americano. Onetti, frequentemente reconhecido como precursor de formas narrativas que seriam retomadas pelo chamado Boom, influenciou autores como Vargas Llosa, Donoso e Di Benedetto e segue sendo referência para pensar a subjetividade urbana, a crise institucional e as cidades imaginárias como metáforas da história do continente. Amado, por sua vez, tornou-se um dos principais romancistas brasileiros lidos fora do país, contribuindo para a construção de uma imagem do Brasil associada à mestiçagem, à cultura popular e ao sincretismo religioso, mas também à denúncia da desigualdade e do autoritarismo. A crítica contemporânea tem buscado complexificar essa imagem, mostrando a ambivalência de certas representações e a necessidade de lê-las à luz de debates sobre raça, gênero e classe.

Este trabalho procurou contribuir para esse campo de estudos ao propor um diálogo sistemático entre Onetti e Amado, tomando Brasil e Uruguai como laboratórios históricos de uma mesma condição latino-americana. Ao invés de reforçar fronteiras disciplinares nacionais, a pesquisa procurou evidenciar cruzamentos, circularidades e redes intelectuais que ligam o Prata ao Nordeste brasileiro, Santa Maria à Bahia, o desencanto onettiano à esperança conflituosa amadiana. Nessa medida, o estudo reafirma a pertinência de abordagens comparadas que, mais do que somar autores, buscam compreender como diferentes poéticas iluminam, por ângulos distintos, problemas comuns.

Por fim, as análises aqui desenvolvidas apontam para alguns desdobramentos possíveis. Seria fecundo, por exemplo, aprofundar o diálogo de Onetti e Amado com outros escritores do Cone Sul – como Roberto Arlt, Ernesto Sabato, Juan Rulfo, Clarice Lispector e Raduan Nassar – para mapear redes ainda mais amplas de interlocução estética e política. Do mesmo modo, estudos futuros podem explorar, com maior detalhe, a recepção cruzada das obras de ambos em Brasil e Uruguai, investigando como editoras, tradutores e críticos contribuíram para configurar suas imagens públicas em cada país.

Também seria produtivo retomar a questão das cidades literárias – Bahia, Santa María, Buenos Aires, Havana – como nós de uma cartografia simbólica da América Latina.

Em um continente em que as promessas de democracia, justiça social e igualdade seguem em disputa, ler Onetti e Amado continua a ser um exercício de lucidez. Onetti nos lembra da profundidade das fraturas e da força corrosiva do desencanto; Amado lembra que, mesmo em meio à opressão, há festas, crenças, afetos e insurreições que recusam a morte definitiva das utopias. Entre Santa María e a Bahia, entre o silêncio áspero e a fala exuberante, a literatura latino-americana encontra, talvez, uma de suas tarefas mais urgentes: narrar, com rigor e imaginação, as vidas de um continente que insiste em sobreviver às suas próprias ruínas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- AMADO, Jorge. **Os Subterrâneos da Liberdade**. Rio de Janeiro: Record, 1954.
- AMADO, Jorge. **A miséria é o lado trágico da vida**. Entrevista a Pedro Maciel. *Revista Caliban*, 2018. Disponível em: Ed. Caliban (on-line).
- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMADO, Jorge. **Navegação de cabotagem**: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- AMADO, Jorge. **Bahia de Todos-os-Santos**: guia de ruas e mistérios de Salvador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- AÍNSA, Fernando. *Identidad y utopía en la narrativa latinoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.
- ARDAO, Arturo. *Génesis de la idea y el nombre de América Latina*. Montevideo: Universidad de la República, 1968.
- AZÚA, Carlos Real de. *El impulso y su freno*. Montevideo: Arca, 1964. 2012.
- BARRÁN, José Pedro; NAHUM, Benjamín. *Historia rural del Uruguay moderno*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1971.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 6. ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BEZERRA, Paulo. **Polifonia**. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 191-200.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**. Representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: EDUSP, 1994.
- BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp, 2006.
- CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FIGUEIREDO, Vera Follain. **Literatura e erotismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Global, 2003.

FONSECA, Ana Paula. **Melancolia e modernidade: Onetti e a América Latina**. Dissertação (Mestrado) — UFMG, Belo Horizonte, 2018.

GOLDSTEIN, Ilana. **Jorge Amado: um moderno escritor brasileiro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

JITRIK, Noé. *Historia crítica de la literatura argentina*. Buenos Aires: CEAL, 1987.

KANZEPOLSKY, Adriana. *Diálogos literarios del Río de la Plata*. Buenos Aires: Prometeo, 2016.

LESPADA, Gustavo. *Onetti y la modernidad*. Buenos Aires: Educa, 2010.

MEDEIROS, Ana; GANDARA, Lemuel et al(orgs.). **Os parceiros de Águas Lindas: ensino de literatura pelas letras de Goiás**. Goiânia: Pé de Letras, 2018.

MONTALDO, Graciela. *Ficciones culturales y fábulas de identidad en América Latina*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

MONEGAL, Emir Rodríguez. *La novela hispanoamericana*. Madrid: Alianza, 1979.

ONETTI, Juan Carlos. **La vida breve**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1950.

ONETTI, Juan Carlos. **El pozo**. Montevideo: Ediciones Signo, 1939. [Wikipedia+1](#)

ONETTI, Juan Carlos. **El astillero**. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1961.

ONETTI, Juan Carlos. *La vida breve*. Buenos Aires: Losada, 1950.

ONETTI, Juan Carlos. *Entrevistas con Onetti*. Montevideo: Arca, 1985.

PELLEGRINI, Susana. *Onetti en Buenos Aires*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2004.

PELuffo, Ana. *Narrativas del Río de la Plata*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2014.

PERKOWSKA, Magda. *Los de abajo: ficciones latinoamericanas de pobreza y marginalidad*. Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2011.

RAMA, Ángel. *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca, 1984.

RESENDE, Beatriz. **Jorge Amado em movimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *Onetti y otros*. Buenos Aires: Alfa, 1966.

- SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920–1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1998.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. *Geopoesia e Literatura de Campo Centroestina: Etnoflâneries por Goiás e Brasília*. In: Programa de Pós-doutorado. USP. São Paulo, 2021.
- SILVA JR, Augusto Rodrigues; MARQUES, G. C. *Godoy Garcia e Niemar: um canto geral centroestino*. In: ECOS—Estudos Contemporâneos da Subjetividade. Vol. 5. n. 2, p. 232-248, 2016. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/viewFile/1699/1209>
- SILVA JR, Augusto Rodrigues. *José Godoy Garcia e a poética popular do cerrado: literatura de campo e história do centro-oeste*. In: Revista Nós: cultura, estética e linguagens, vol. 3, n. 1, 2018, p. 93-105. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/view/7938>
- SILVA JR, Augusto Rodrigues. *Geopoesia da boa morte: a flâneuse Cora Coralina pelas ruas da tanatografia*. In: Leitura, Maceió, n. 68, jan./abr. 2021. Estudos linguísticos e literários; p. 368-378. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/11268/8404>
- SILVA, João Ricardo. *A modernidade quebrada: Onetti e o desencanto latino-americano*. Tese (Doutorado) — USP, São Paulo, 2014.
- TURCHI, M. Zaira. *Literatura e Antropologia do imaginário*. Brasília: Editora UnB, 2013.
- VARGAS LLOSA, Mario. *Historia de un deicidio*. Barcelona: Seix Barral, 1987.
- VARGAS LLOSA, Mario. *El viaje a la ficción: El mundo de Juan Carlos Onetti*. Madrid: Alfaguara, 2008.
- ZANETTI, Susana. *La escritura política en América Latina*. Buenos Aires
- ZILBERMAN, Regina. *A leitura no Brasil*. São Paulo: Global, 2014.